

OS SUPRASEGMENTOS COMO ÍNDICES DA SUBJETIVAÇÃO NA ENUNCIÇÃO ORAL

Pedro de Souza*

RESUMO: *A produção do sentido no plano oral apresenta mecanismos particulares que dizem respeito à dimensão temporal da enunciação. Tomando como corpus fragmentos de entrevista sociolinguística apresento uma análise, em que os fenômenos ditos suprasssegmentais – hesitações, gagueiras, pausas – revelam traços da temporalidade enunciativa e mostram como esta incide sobre a construção da posição de sujeito no discurso.*

PALAVRAS-CHAVE: *análise do discurso; enunciação; sujeito; memória; temporalidade.*

Este trabalho traz resultados de uma pesquisa¹ em que busco analisar o processo de conversão do indivíduo selecionado como informante de uma pesquisa sociolinguística em sujeito falante e em lugar de emergência das múltiplas variedades do português falado na cidade de Florianópolis. Para focalizar o processo de constituição de sujeito que funciona na prática da entrevista sociolinguística, em outro trabalho vinculado a esta mesma pesquisa², mostrei como o procedimento de levantamento e registro de dados lingüísticos proposto por

* Doutor em Ciências, professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ Sob os auspícios do CNPq.

² "Jogando conversa fora", a aparecer em *Linguas e Instrumentos Lingüísticos*. n. 4. Campinas, Pontes.

Labov passa pela construção de um criterioso dispositivo cuja função é de fazer surgir uma dada forma de subjetividade, suporte necessário de um certo objeto de saber: a variação lingüística. Neste quadro, a entrevista sociolingüística compõe uma modalidade material de enunciação, no interior da qual pode-se observar o processo de formação do sujeito falante como categoria constitutiva de acesso ao objeto de investigação lingüística. Daí os elementos da cena configurada pela relação entre informante e entrevistador que descrevi usando essas palavras:

No quadro da sociolingüística laboviana, a incitação ao relato pessoal tem sido o componente metodológico de coleta de dados fundamental na montagem da entrevista que deve servir de instrumento metodológico. Para que seja garantida a transparência qualitativa do material lingüístico a ser levantado, há que se neutralizar a relação entre entrevistador e entrevistado para que este não se sinta inibido e possa falar do modo mais natural possível. Nisso consiste o paradoxo do observador apontado por Labov. O entrevistador deve simular seu interesse sobre aquilo que diz o informante selecionado e não sobre a "língua" dele. Quanto ao entrevistado, é preciso que ele seja inquirido em uma situação tal que, em nenhum instante, durante o tempo da entrevista preste atenção ao seu próprio modo de falar. Assim, tanto o informante quanto o pesquisador deve colocar-se em atitude de esquecimento com respeito ao código lingüístico que possibilita a interação entre ambos no momento da entrevista.³

Fica evidenciado que trabalho aqui com a noção de entrevista enquanto prática precisamente localizada em certo domínio. Acompanho o que indica a obra de Michel Foucault no sentido de que um trabalho analítico não pode tomar como base uma teoria que conceitua previamente o objeto em análise, mas guiar-se pelas condições históricas que produzem a conceituação

³ idem.

em causa⁴. Nestes termos, aludo aqui ao conceito de entrevista proposto por Labov cujo objetivo é o de levantar traços variantes de uma certa língua falada em certo tempo e lugar social.

O propósito não é entrar no mérito da metodologia laboviana implicada na composição do corpus, composto de dados de uma pesquisa sobre a variação do português brasileiro falado na região sul do Brasil.⁵ Diferentemente, o trabalho que proponho toma a chamada entrevista sociolingüística como uma modalidade material de enunciação, no interior da qual pode-se observar, conforme explicito mais adiante, um particular processo de gerenciamento do tempo da interação incidindo sobre a constituição de uma forma de subjetividade.

Um roteiro sistematizado de perguntas, estruturado conforme um *script* narrativo, deve monitorar o protocolo de investigação no qual a homogeneidade dos dados levantados tem de ser uma garantia inegociável da pesquisa. Para isto concorre a atenção dirigida do entrevistador suscitando testemunhos loquazes em forma de história de vida. Tudo isto deve ocorrer em um tempo precisamente controlado, tanto na cronométrica precisão dos ponteiros do relógio, quanto na manutenção de uma linha de conversa em que o que importa é fazer falar. Está implícita aqui uma diferenciação entre tempo dos cálculos pontuais e discretos e o tempo da duração, conforme esclareço depois.

Por isto mesmo o ato de entrevistar, neste contexto, comporta, tacitamente da parte do entrevistador, um controle imaginário do turno da fala dando conta da administração do tempo

⁴ "O sujeito e o Poder". In RABINOW E DREYFUSS. *Foucault. Uma trajetória Filosófica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995. p. 232.

⁵ São fragmentos de entrevistas sociolingüísticas extraídas do banco de dados do projeto VARSUL - Variação Linguística na Região Sul, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina. Trata-se de um grande projeto de pesquisa que visa a investigar os componentes da variação do português do Brasil ocorrentes na região sul do país. O VARSUL envolve pesquisadores também das universidades federais do Rio Grande do Sul e Paraná, e a PUC de Porto Alegre.

que deve durar a conversação, sem se dar conta do real da temporalidade que constitui a duração. Como se pode observar aí, o emprego da entrevista como dispositivo metodológico no domínio da pesquisa sociolingüística demanda minuciosos procedimentos de encenação da fala.

Tudo passa pela informação que interessa para ser registrada no gravador: o conteúdo expresso na enunciação do informante só importa à medida que com ele e nele vem a variante lingüística esperada. No caso da pesquisa sociolingüística, esta empresa torna-se delicada, pois ao final de horas de gravação o informante pode não ter sido colocado suficientemente à vontade para que nele seja operada a transferência do lugar de quem simplesmente revela uma história de vida para a posição do falante de uma língua. É esta forma-sujeito que deverá ser isolada no momento da depuração do material registrado.

Em síntese, está-se diante de injunções às táticas de emprego e manejo do tempo. Isto diz respeito tanto a quem entrevista, quanto a quem é entrevistado. Vale dizer que, ao escutar as histórias do informante, o entrevistador tem de administrar tanto as referências aos planos narrativos dos acontecimentos narrados, quanto às indicações referentes ao tempo que corre ao longo da enunciação. Estas indicações estão na modulação dos sons que delineiam maior ou menor fluência⁶ no curso da fala. O presente da enunciação na entrevista sóciolingüística diz respeito a este plano material do monitoramento da conversa que propicia a emergência do falante como lugar em que acontece as formas lingüísticas categorizáveis enquanto variantes que emergem, malgrado às dissonâncias que contornam a estrutura prosódica da conversação.

⁶ Pressuponho aqui uma idéia de fluência que se define pela falta. É Scarpa (1995: 164) quem me permite esta pressuposição ao citar Hedge (1978) para quem "fluência é melhor definida como uma unidade de resposta *destituída de disfluências, prolongamentos e pausas*" (grifo da autora).

A partir desta observação, meu propósito, neste trabalho, é examinar a maneira como, através desses fatores suprasegmentais, a temporalidade, no quadro enunciativo da entrevista sociolingüística, incide sobre a constituição da subjetividade, ou, dito em outros termos, sobre as modalidades de construção e designação de si em uma precisa situação de troca lingüística. A este enfoque, alio metodologicamente categorias enunciativas e categorias discursivas – a saber, respectivamente, os fatores relativos ao ato e ao momento do dizer e os relativos aos regimes de efeitos de sentido que intervêm neste processo. Neste aspecto, os conceitos de acontecimento e de memória discursiva são fundamentais como dispositivos analíticos que permitem mostrar o particular processo de constituição de subjetividade cujo funcionamento está intrinsecamente ligado ao modo como, na entrevista sociolingüística, os interlocutores intercambiam suas respectivas posições de sujeito.

A subjetividade audível no tempo enunciativo

No âmbito enunciativo da entrevista sociolingüística, proponho uma análise, em que uma dada categoria de fenômenos suprasegmentais – sonoramente percebidos como variações de altura e velocidade na emissão da fala – incide sobre o processo do dizer e da construção da subjetividade no exercício oral da linguagem. Neste ponto um esclarecimento é essencial: a concepção de suprasegmento ao qual se remete este trabalho é a que está desenvolvida em um enfoque da fonologia da prosódia que opera sobre traços sonoros que se apoiam entre si e se superpõem hierarquicamente configurando a cadeia falada.

Não é o caso de fazer aqui uma extensa explanação sobre este campo teórico, mas vale apresentar alguns elementos que servem de pressuposto para análise que proponho. Tais traços,

segundo um enfoque estruturalista da prosódia de uma língua, são categorizados como fatos da ordem do acento, do ritmo e da melodia. Os fatos acentuais são substancialmente indiciados pela natureza e o lugar do acento; os traços rítmicos têm sua substância na distribuição dos acentos e da pausa na cadeia da fala e a entonação estaria materialmente marcada na melodia.

Tem-se assim o inventário dos suprasegmentos prosódicos com suas matérias audíveis devidamente designadas e seus efeitos convenientemente nomeados. Contudo Maingueneau⁷ denuncia a instabilidade destas designações e nomeações no campo da prosódia. Para sublinhar o ponto de uma complexa classificação, o autor usa a seguinte argumentação: “sendo constituídos dos mesmos fenômenos físicos (frequência, amplitude, duração), é muitas vezes difícil decidir, em um ponto preciso do *continuum* sonoro, se tal ou tal fator acústico pertence mais precisamente, por exemplo, ao fenômeno acentual ou ao fenômeno entonativo.”

Maingueneau⁸ indica que a saída para este problema é definir cada um dos traços prosódicos conforme o papel que representam na comunicação. Neste caso, as três funções propostas por Troubetzkoy – a *distintiva*, a *demarcativa* e a *culminativa* – constituem um recurso para categorizar com precisão cada um dos fenômenos suprasemânticos aqui referidos.

Vale aqui introduzir contribuições mais recentes no campo dos estudos fonológicos. Neste quadro, já instituído como o de uma fonologia da prosódia, o trabalho de Nespor e Vogel⁹ tem sido o divisor de águas para uma perspectiva da fonologia linguística deslocada da tradição estruturalista. Deste modo, o nível da realização sonora da língua define o âmbito da prosódia

⁷ MAINGUENEAU, et alii *Linguistique Française*. Paris, Hachette, 1993, p. 113.

⁸ idem.

⁹ *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holand: Foris Publications, 1986. Citado em *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Leda Bisol (org.). Porto Alegre, EDIPUCRS, 1996.

que passa a ser o foco central dos estudos em fonologia. Neste nível, estabelece-se que há uma hierarquia prosódica cujos elementos compõem a seguinte ordem: segmento-sílaba-pé-palavra fonológica-frase fonológica-grupo entonacional-enunciado. É então logo após o elemento segmental que se tem, na cadeia da fala, o que a tradição dos fonólogos já categorizou como os constituintes suprassgmentais.

Valendo-se da proposta dos mesmos autores – Nestor e Vogel – Leda Bisol¹⁰ expõe um interessante esquema que permite visualizar em árvore a forma com que os chamados constituintes prosódicos são definidos e co-relacionados em uma hierarquia de realização sonora. Bisol sugere assim uma disposição das unidades da prosódia que vai do elemento mais básico e inferior ao mais superior da hierarquia, a saber: sílaba; pé; palavra fonológica; grupo clítico; frase fonológica; frase entonacional; enunciado.

Não vale a pena discorrer detalhadamente sobre a descrição desenvolvida pela autora. Se convoco desde já esta perspectiva prosódica é porque mais adiante ela me será útil para trabalhar a problemática da pausa vinculada à incidência da temporalidade na enunciação. O fundamental a destacar do inventário prosódico proposto por Bisol é o limite do trabalho analítico que o constituinte entonacional¹¹ representa no seu esquema. Bisol ressalta fatores de ordem semântica e estilística que escapam ao enfoque teórico ao qual ela se filia. Esses fatores dizem respeito à extensão deste constituinte prosódico em que se localizam divisões entonativas menores que podem ser prolongadas integrando frases prosódicas ou enunciados.

¹⁰ Idem, p. 247-261.

¹¹ Bisol parte da seguinte definição proposta por Nespor e Vogel, 1986: 188): “A regra básica da formação de I (o constituinte prosódico entonacional, [destaque meu]) fundamenta-se na noção de que a frase entonacional é o domínio de um contorno de entoação e que os fins de frases entonacionais coincidem com posições em que pausas podem ser introduzidas”.

A propósito desta pontuação de Bisol, quero demarcar o lugar onde o uso da perspectiva discursiva pode ser profícua. É que aí pode se investigar o que se passa entre o intervalo de emissão vocal tomado no acúmulo de constituintes suprasegmentais contidos na entonação e a realização de efeitos de sentidos materializados na base sintática disso que Pêcheux¹² chama de processo discursivo. Reitero que, ao longo deste trabalho, quero focalizar neste lugar uma certa dinâmica temporal tecendo a materialidade discursiva no campo da sonoridade lingüística.

Por ora, retorno ao limiar estruturalista da concepção de suprasegmentos para nele localizar a introdução de uma abordagem semântico-enunciativa. Enfocando o aspecto interativo envolvido nos traços rítmicos típicos da oralidade, Mary-Annick Morel¹³ propõe que, às funções da linguagem identificadas por Troubetsky pode-se acrescentar uma terceira denominada função co-enunciativa. Esta corresponde ao modo como o locutor antecipa a recepção de sua mensagem por parte de seu alocutário. Conforme a antecipação que faz da escuta de sua mensagem, o locutor pode assumir a posição de discordância ou de concordância em relação ao seu destinatário. Há ainda a possibilidade de o locutor não levar em conta a forma com que seu dizer foi recebido e dobrar-se sobre seu próprio discurso, adotando, segundo diz Morel, “*uma atitude de ruptura, uma posição egocentrada*”.

O trabalho de Morel¹⁴ indica uma nova interpretação das diferentes modalidades de realização sonora da linguagem. Trabalhando sobre o francês oral, a autora mostra como as varia-

¹² PÊCHEUX, 1975.

¹³ MOREL, “Valeur énoncitive des variations de hauteur en français”. *Journal of French Language Studies*. Sept. 1995. Vol. 5, n. 2. Cambridge University Press, p. 189-202.

¹⁴ MOREL, “Intonation Zero et absence de co-enonciation dans l’oral spontané en français”. *Travaux de linguistique* du CERLICO no 9, Presses Univ. de Rennes II, 1996, p. 327-348.

ções da oralidade apontam para a maneira como os enunciadores colocam-se no interior das relações intersubjetivas e como introduzem modulações nos suportes da interlocução. Duas ordens de traços suprasegmentais podem então aí ser distingüidas: a pausa com função primordial de demarcação, e as variações melódicas, que têm um valor fundamental de co-enunciação.

Morel considera que o valor enunciativo que envolve os pontos mais altos e mais baixos do ritmo entonativo estão ligados ao ponto de vista que está em foco: respectivamente o que engaja direta e imediatamente os dois ou apenas um dos interlocutores. Se a perspectiva focalizada diz respeito à atenção de ambos os atores do diálogo, a curva da entonação é mais alta; já se o foco enunciativo recai sobre um ponto de vista pessoal de um dos interlocutores, não envolvendo nenhuma perspectiva exterior à enunciação, o patamar entonativo é mais baixo. Entre um ponto e outro destas curvas entonativas, há um ponto neutro de altura indicado pelas hesitações, pelas pausas ou pela aneção de glosas sobre o que o locutor está em vias de enunciar.

Ressalta-se aqui a preocupação de correlacionar, no cruzamento da teoria da enunciação¹⁵ com o âmbito dos estudos da prosódia, os diferentes fenômenos suprasegmentais à função que eles podem representar no processo interlocutivo. É assim que, escrevendo com Morel, Danon-Boileau¹⁶ aplica as modalidades prosódicas à função de simplificação da escuta. Nesta maneira de ver, as marcas de descontinuidades, como as variações melódicas e as pausas na interação oral funcionam para marcar divergências de pontos de vista entre interlocutores. Ao acentuar o contraste de marcação rítmica que singulariza a simplificação da escuta na narrativa e na conversação oral, estes autores concluem que

¹⁵ Refiro-me à corrente teórica da enunciação inspirada em Culliolli.

¹⁶ DANON-BOILEAU et MOREL. "L'oral ou comment simplifier l'écoute de l'autre". *Cahiers du Français Contemporain, CREDIF-Saint cloud.*, 1994, p. 265-292.

no oral, a simplificação do trabalho de escuta marca-se por diversas ordens de balisagem. Ao nível supra-enunciativo, os marcadores de descontinuidade escandem a sucessão dos conteúdos, enquanto que os conectores sublinham o jogo dos pontos de vista. A isto se acrescenta os índices prosódicos e posicionais que diferem da narrativa ao diálogo: se a narrativa privilegia o alongamento, o diálogo (como a citação no discurso direto) explora as variações da altura melódica e a posição desses marcadores.

Como se vê, na esteira das linhas de pesquisa aqui mencionadas, a ótica funcionalista dos fenômenos suprasegmentais do plano da oralidade está também ligada ao pressuposto de que tais fenômenos estão previstos em um sistema codificado. Candea¹⁷ chama atenção para as pesquisas lingüísticas que distinguem, entre os fatos prosódicos, as pausas, condicionando-as a estruturas sintáticas e semânticas. Desta maneira, são descritas para pausas silenciosas e sonoras respectivamente o papel de separação de grupos semânticos e unidades frasais e o de marcação dos pontos de hesitação e de junção de segmentos pertencentes a um mesmo grupo de sentido.

Candea refuta as hipóteses dos lingüistas que condicionam o aparecimento de pausas em posições sintáticas determinadas. A autora atenta para o fato de que fatores de natureza estilística e extralingüística podem “modificar completamente a frequência, a duração e a distribuição das pausas”. Isto tem relação com que diz o trabalho de Leda Bisol.¹⁸

Uma sentença, em geral, declarativa, exclamativa ou interrogativa, tem um contorno entonacional determinado. Mas

¹⁷ CANDEA, M. “Peut-on définir la pause dans le discours comme un lieu d’absence de toute marque?”. *Travaux linguistiques du CERLICO NO. 10, Presses Universitaires de Rennes II*, p. 231-244.

¹⁸ BISOL, op. cit., p. 258.

no interior dessas unidades sempre se tem de contar com certa flexibilidade. Assim uma sentença pode ter apenas uma linha entonacional (...) ou mais de uma (...). Frases intercaladas, parentéticas ou vocativas, tendem a construir uma só unidade prosódica.

Bisol evita propor interpretações que para ela são de ordem semântica e pragmática. Mas, é interessante registrar o que diz Candea acerca da ocorrência de pausas longas no interior de sintagmas, ainda que sua ótica resvale ao funcionalismo. Estas pausas, diz a autora, em dados quadros de interlocução em que um dos interlocutores se vê em posição de tensão, revelam uma forma de o enunciador ganhar tempo a fim de se defender das questões postas pelo co-enunciador e de obter, mediante combinação de pausas sonoras e silenciosas, um controle maior do tempo de fala a ser negociado ao longo de todo processo interlocutivo.

Subtraindo o aspecto funcionalista aqui pressuposto, o que tomo dessas considerações é a visão dos suprasedimentos prosódicos em sua dimensão enunciativa, e notadamente no ponto em que este enfoque vincula-se ao tempo do dizer. Esta pontuação será mais explicitada quando me referir mais adiante ao trabalho de Authier-Revuz. Quero então privilegiar a pausa sonora, realizada, por exemplo, nos alongamentos vocálicos, nas sobreposições de fala ou na repetição de constituintes suprasedimentais como fatos de ruptura no circuito linear suposto para a oralidade. Pretendo que fique claro que são os fatores diretamente ligados à duração que constituem a unidade material delimitada para análise que estou propondo.

Como conseqüência, pretendo desenvolver a hipótese de que tais traços suprasedimentais indicam um funcionamento discursivo que incide sobre a dimensão temporal da enunciação e aponta para uma modalidade singular de construção e gestão de

posições de sujeito ao longo de uma enunciação oral, envolvendo, no caso da entrevista sociolingüística, dois interlocutores. Interessa observar como uma certa concepção durativa do tempo permite analisar seu acontecer na enunciação e mostrar como movimentos de repetição e diferença insinuam-se nos entremeios da memória discursiva abrindo caminho a efeitos de subjetividade.

Elasticidade do fluxo interlocutivo e memória

Ao seriar esses traços audíveis da fala – os que remetem à duração em uma situação particular, ou seja, a prática de entrevistar como forma de colher dados sociolingüísticos – atendo-me ao que se pode imputar à dimensão material da interação, isto é, o plano oral da enunciação. Resgata-se aí o fato sonoro que, por um lado, faz da conversa rumor submetido a um contrato e, por outro, converte o rumor a uma conversação expandida.¹⁹ Trata-se de atentar para certos traços dos sons produzidos pela voz que, ao parasitar unidades sonoras tidas como genuinamente lingüísticas no âmbito fonológico, seja estrangulando-os, fragmentando-as ou apagando-as momentaneamente, participa da produção de sentidos entre locutores. Isto se observa porque, em termos de efeitos de significação, nenhuma interceptação ou suspensão da fala no curso de uma conversa é indiferente aos sujeitos a serem constituídos na enunciação.

Interessa-me, então, atentar para os modos enunciativos de marcação da interrupção do fluxo das narrativas pessoais desencadeadas no processo da entrevista. No caso modelar da entrevista sociolingüística, entre a posição de sujeito, na qual o entrevistador interpela o informante enquanto falante de uma va-

¹⁹ DELEUZE, 1985.

riante lingüística, e a posição a ser constituída por este na relação com a memória dos sentidos do que diz, existe uma particular materialidade temporal a ser administrada na troca lingüística detectada nas quebras do ritmo do processo interlocutivo.

O que está posto em questão, no que diz respeito ao tempo, é a maneira como cada parceiro da interlocução atualiza, mediante variadas realizações de pausas, lingüisticamente preenchidas ou não, a contraparte durativa da conversa, esta que no ato de dizer implica simultaneamente contenção e consumo de tempo. É hora de anexar aqui o guia pelo qual este trabalho vai dispor da noção de duração proposta por Henri Bergson. Para isto, vou me servir da direção proposta por Douglas Edric Stanley,²⁰ que, no campo da prosódia do francês, aplica a tese de Bergson sobre o tempo e a duração.

Stanley redescobre na filosofia bergsoniana um espaço que permite pensar a temporalidade implicada nas diferentes maneiras de falar uma língua. O que distingue, por exemplo, o parâmetro de pronúncia francesa da pronúncia inglesa não está apenas na base do ritmo pertinente a cada um desses idiomas, mas a maneira com que o correr do tempo da fala torna-se visível nas respectivas particularidades da audição e da emissão do som lingüístico. "Quando se fala francês, diz Stanley, fala-se com vogais, pontuadas pelo rumor das consoantes, sons guturais e onomatopéias sobre as quais os franceses insistem, detendo-se plenamente no meio das frases. Mas a base do ritmo são as vogais".

Isto pode explicar a dificuldade que o falante francês tem para realizar os sons lingüísticos típicos do inglês. Stanley assinala que o francês tem grande dificuldade para compreender o ritmo sôfrego da fala em língua inglesa: o modo com que as vo-

²⁰ STANLEY. E. D., URL: www.labart.univ-paris8.fr/~douglas/essais/arbof.htm Last modified 2-Nov-97.

gais são submetidas às consoantes, a maneira com que as consoantes estendem-se por sobre as vogais.

Com base nesta observação, Stanley propõe sua leitura de Bergson²¹ sobre a duração, destacando no que passa no modo de emitir os sons da língua um fenômeno de elasticidade temporal que equivale ao intervalo entre uma emissão sonora e outra. Tudo passa pelo *continuum* do tempo que corre. Daí a metáfora do *'tempo é dinheiro'*.

Não é por nada que os franceses se ressentem ainda da invasão da mentalidade do "business" americano em que "time is money" (...). para o americano, o tempo é uma sucessão de instantes nos quais eu estou em vias de perder dinheiro, dito de outro modo, cifras.

Este é o contexto no qual Stanley se põe ao lado de Bergson para ressaltar que a duração é o percurso entre um ponto e outro, espaço em que o tempo torna-se elástico exprimindo-se em um transcorrer contínuo que a nada se compara senão ao que se vê transcorrer. Trata-se de uma sucessão de estados em que cada um anuncia o que vem a seguir e contém o que precede. Mas é apenas no momento em que o sujeito o ultrapassa e que se volta para trás para observar-lhe os traços é que esses estados tornam-se múltiplos.

Neste quadro, ainda que Stanley reporte-se à relação sujeito-máquina no contexto da informática, retenho a idéia de que a interatividade é a expressão de um tempo em que a subjetividade constitui-se passando de instante de enunciação em instante de enunciação. Aparece neste espaço temporal um processo de negociação política em que a emissão intervalar de sons serve de interface de produção de sentidos na enunciação.

²¹ BERGSON, La pensée et le mouvant, PUF, 1938.

É assim que acompanho a escuta que Stanley propõe de Bergson. Isto para vincular a problemática das interrupções orais à perspectiva bergsoniana da duração que permite abordar a enunciação oral processada materialmente em efeito de ritmos entrecortados alternando entradas e saídas de gestos singulares de interação que se integram em um processo de subjetivação. A questão não é tomar o corte da disfluência prosódica como ponto de fuga ou impossibilidade da ordem subjetiva, mas perceber o sujeito que aí se constitui por efeito mesmo da quebra do ritmo que estende a duração enunciativa. Quanto mais dura o tempo num ponto da enunciação mais elástico o espaço temporal para haver sujeito.

Para categorizar o tempo na ordem da enunciação, autores como Brès e Gardes-Maray²² (1991) e Barbéris²³ postulam que o processo discursivo, no plano oral, atualiza-se em uma dimensão que corresponde a três instâncias: o *tempo a dizer*, momento da elaboração lingüística em vias de se atualizar; o *tempo do dizer*, momento das formulações exteriorizadas, expressas com suas pausas e durações variáveis e descontínuas; por fim, o *tempo do dito*, momento do armazenamento dos sentidos na memória formulável em uma unidade discursiva coerentemente organizada.

As três instâncias assim dispostas atravessam simultaneamente o fluxo conversacional perfazendo, mediante sobreposições e atropelos, particularmente, segundo Brès e Gardes-Maray, “um espaço concreto de atualização que se realiza no tempo, um tempo extremamente breve, da ordem do influxo nervoso, mas, não obstante, real”. Embora fuja dos avatares logicistas que não dão conta da defasagem entre o formal da língua e sua realização imprevisível, esta proposta toca apenas de leve o ponto em que a

²² BRÈS E GARDES-MARAY, 1991.

²³ BARBERIS, 1996.

conversação afirma-se acentuadamente como uma forma de interação que se dá entre múltiplas possibilidades de sujeitos e não no interior de uma subjetividade já pré-definida.

Retomando essas mesmas categorias, Barbéris considera que enquanto o *tempo do dizer*, o do momento da enunciação oral, é observável e mensurável – pois ele pode ser registrado e ouvido em um gravador –, contrariamente, o *tempo do a dizer* e o *tempo do dito* são de existência puramente mental, não empiricamente observáveis. Por isto mesmo dessas três categorias o que interessa é a do *tempo do dizer*. Interessa, diz Barbéris, “porque no interior do tempo a dizer, do tempo da elocução, é possível observar tropeços do trabalho, não observável diretamente, da programação da mensagem, trabalho de programação que é simultaneamente constituída de previsões e de memória”.

Para pontuar esta consideração, Barbéris postula o princípio de que a produção do discurso coerente depende da projeção do sujeito em um plano temporal anterior ao que ela fala, depende de que o sujeito da enunciação se programe a respeito do que vai seguir no curso de sua elocução e, ao mesmo tempo, guarde na memória as falas recentemente pronunciadas. É preciso ainda, salienta Barbéris, que o sujeito esteja de prontidão para reatualizar, na memória de longo prazo, elementos mais longínquos. Eis o projeto dessa autora, ao mobilizar todo este mecanismo de superposição de tempos de linguagem: propor um modelo explicativo de certos aspectos da produção do sentido na oralidade.

Mas a instância do *tempo a dizer*, tal como pensada por Brès e Gardes-Maray, é o espectro de uma outra dimensão de temporalidade que se revela na duração, mas é indiferente a ela. É certo que o *tempo a dizer* prossegue seu trabalho suspenso sobre o tempo dito, mas não programando-se por antecipação para entrar nele. Insinuando-se nas sobreposições, interrupções, hesitações, esta categoria temporal conspira para atirar a direção da

conversa para outro tempo: a abertura para efeitos imprevisíveis de subjetividade.

Muitos psicolingüistas podem descrever este lapso entre uma palavra recém-emitida e a emergência iminente de outra, identificando em seus rastros sonoros, sintomas de falhas da ordem do processamento cognitivo, perturbando a natural fluidez da fala. A propósito, Brès e Gardes-Maray dizem que a abordagem desses fatos como “um disfuncionamento da fala”, explicado em termos patológicos, remeteria forçosamente a um pressuposto de que as enunciações orais seriam como a imagem de um rio tranqüilo, sem quebras bruscas, sem turbilhões e cascatas irregulares. Contudo, para além de uma perspectiva profilática, esta espécie de ruído que se introduz no fluxo da fala, os alongamentos vocálicos, as pausas, as hesitações, as sobreposições indicam, nos termos de Brès e Gardes-Maray, uma operação enunciativa que “tem por função ocupar o *tempo do dizer*, para que o *a dizer* possa melhor se construir”.

O problema de Barbés e Gardés-Marray é deixarem-se levar pela manutenção de um sujeito cognitivo dado *a priori*, o que os leva cair nas malhas do cognitivismo logicista que querem evitar. No âmbito teórico da metaenunciação, isto é, o das formas de *modalização autonímica*,²⁴ vale examinar como Authier-Revuz²⁵ aborda lingüisticamente os fatos de rupturas do fluxo enunciativo tomando-os como “jogos metaenunciativos com o tempo”. A autora evita a abordagem calcada na evidência de um espaço inequívoco da subjetividade mostrando como as retomadas do dizer no mesmo curso enunciativo – *eu digo X* – revelam que o trabalho das heterogeneidades constitutivas do sujeito demandam um jogo duplo de tomada do tempo do dizer.

²⁴ AUTHIER-REVUZ, 1987 e 1989.

²⁵ AUTHIER-REVUZ, 1993, “Jeux meta-énonciatifs avec le temps”, in *Temps et Discours*, Presses Universitaires de Louvain, p. 87-105.

O primeiro aspecto destacado pela autora é o fato de que esse – o *tempo do dizer* – é consumido para a emissão de um comentário – *um ato de dizer X* – que só tem uma relação especular com o que se acaba de dizer, ou seja, uma função de representação reflexiva e opacifante, na medida em que não remete para uma referência exterior. Se em uma enunciação, alguém diz, por exemplo, ‘...*sucumbir ao ponto do ‘agir’ desenfreado, para falar como os especialistas do comportamento*’,²⁶ – além de nada acrescentar à palavra recém-enunciada produz na enunciação um corte em que se vê emergir dois segmentos temporais: o da enunciação em curso correspondente ao momento em que se diz X (*agir*) e o tempo que se abre sobre a enunciação de referência no instante em que se comenta o elemento X do dizer (*para falar como os especialistas do comportamento*).

O que quero reter aqui é um fenômeno de superposição de dizeres que, ao ocorrer no mesmo turno de fala, elucida a heterogeneidade constitutiva do sujeito sustentada na duração. Isto é o que se pode ser levado a concluir quando Authier-Revuz assinala que esse movimento duplo do dizer realizado no mesmo lugar enunciativo põe em cena uma temporalidade exposta em sua própria duração e complexidade. Temporalidade que nada mais é que um elemento diferente do tempo de emissão focalizado.

Um segundo aspecto ressaltado por Authier-Revuz acerca da temporalidade manifesta diz respeito às formas lingüísticas com que ela aparece.

formas essas que suspendem de uma maneira específica o desenvolvimento sintático do enunciado, como uma figura de “suspensão” do tempo, de retenção do seu desenrolar materializado pelo fio do enunciado, imaginariamente retido

²⁶ Exemplo da autora.

no decorrer da duração do comentário metaenunciativo. Assim, essas formas no mesmo lugar em que apresentam as falhas de não-coincidências enunciativas, restauram a imagem ilusória de um sujeito mestre de seu dizer, da mesma maneira, no plano do tempo, no mesmo lugar em que apresentam a inevitável dimensão temporal do dizer, elas produzem a imagem ilusória de um sujeito e de um dizer capazes de suspender momentaneamente esse desenvolvimento temporal, em um "extratempo" fictício.

Pensando na concepção de tempo proposta por Bergson, pode-se dizer que as formas marcadoras da interrupção de que fala Authier-Revuz são o lugar de uma tensão entre elementos heterogêneos de subjetividade. Neste aspecto, não se trata de pensar as formas nem como representação do tempo do dizer nem como inscrição material neste tempo, mas de fluxos enunciativos que, uma vez implodidos em sua temporalidade imaginária, não se delimitam, nem se fecham. Aí se aloca a ilusão de uma suspensão do desenvolvimento temporal como efeito estabilizador de uma instabilidade intrínseca ao tempo concretizado como tendência a instituir pontos de repetição e de diferença no processo de subjetivação.

Este é o ponto que quero ressaltar nas ocorrências de hesitação no fragmento de entrevista aqui em foco. No momento em que o sujeito entrevistado é solicitado a contar sua história de vida, detecta-se aí uma titubeação. Esta vem rubricada sob várias formas repertoriadas no banco de dados como sendo da ordem da *pausa*, da *hesitação* e da *sobreposição* de fala. Para além de demonstrar quebras de estruturas frasais e evidenciar traços de perturbação do mecanismo mental, formas de interrupção do fluxo da fala fazem emergir uma outra dimensão temporal no exato momento em que se dá o processo de conversão do indivíduo interpelado pelo dispositivo da entrevista em sujeito falante. Em verdade, os marcadores supralingüísticos que materializam

as titubeações no plano do *tempo do dizer* abrindo passagem ao *tempo a dizer* seriam parte do que Kastrup²⁷ postula como um trabalho de experimentação que não pressupõe, mas é condição de constituição do sujeito no mesmo processo cognitivo em que constrói a si o mundo.

Do tempo ocupado ao tempo que corre na duração

Conforme os princípios propostos por Labov,²⁸ no caso da entrevista como dispositivo da investigação sociolinguística, a administração do tempo, que fica a cargo do entrevistador, é fundamental no processo da construção do enunciado e daquele que enuncia. Sem algum expediente de controle do ritmo da conversa, o entrevistador pode não mantê-la no rumo dos interesses que a instauram e são instaurados por ela.

Se retomar o diagrama arbóreo proposto por Leda Bisol, vejo que entre um constituinte prosódico e outro que compõe a hierarquia sonora pode-se tomar este fato como acontecimento de natureza enunciativa em que há uma dimensão temporal pondo em movimento a passagem de um constituinte a outro. Sem este movimento não se estabelece o filtro que permite a disposição distinta dos elementos heterogêneos que compõem uma só cadeia sonora em um particular evento de fala. Trata-se da força da duração, que serve de nicho uterino para que o sujeito falante possa fazer-se e ocupar a posição para falar.

Neste ponto, sublinho o que me interessa analisar em termos de acontecimento temporal quando me ateno à entrevista

²⁷ KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição.* Campinas, Papirus, 1999.

²⁸ LABOV, W. *Field Method used by the PROJECT ON LINGUISTIC CHANGE & VARIATION,* Philadelphia, University of Pennsylvania, 1972-1978.

sociolinguística enquanto um dispositivo de produção de sujeito falante. Conforme a distinção que aludi anteriormente, embora fazendo parte de uma mesma temporalidade, não é o tempo pontual, cronometrável, que importa aqui como objeto de estudo, mas o tempo enquanto duração, ou seja, o permeio da experiência subjetiva em vias de se fazer na relação com a linguagem.

Não resta a esta altura espaço suficiente para o desenvolvimento de análises exaustivas, mas é o caso agora de apresentar um breve exercício de um trabalho ainda em curso. Observemos o que se passa no seguinte fragmento de entrevista:²⁹

E. Maurício Pavan?

I. Isso.

E. O senhor tem cinqüenta e quatro anos?

.....

I. Cinqüenta e três anos e meio.

E. Isso. O senhor nasceu aqui em-

I. Eu nasci em Florianópolis, é ali [na]- na maternidade Carlos Correia, né? O nome? É, e sempre morei, durante vinte e três anos, [e]- na antiga Rua Joinville, hoje, Dom Jaime Câmara, né? E ali nasci, me criei e depois só saí dali quando casado. Que é mais?

E. Florianópolis. (hes) A sua mãe, também eram daqui, né?

I. Todos os dois.

E. Ah, todos os dois daqui?

I. É, todos nascidos em Florianópolis, todos os dois: Seu Haroldo Pavan e Dona Maria de Lourdes Pavan.

.....

²⁹ Transcrevo primeiramente os trechos da entrevista registrada no banco de dados do Varsul sob o código SC FLP 23 M B COL.

- E. O que o senhor tem pra contar pra gente, assim, da cidade da-
- I. Não, [de]- de contar. Pois é, [eu vivi]-
- E. Até da vida, (hes) antigamente ou mesmo da política ou da sua vida (hes) [no trabalho]-
- I. [Da]- [bem]- (ruído) bem na [minha vida]- minha vida, desde-
- E. Profissional-
- I. [De]- [da]- [da minha vida]- (ruído) (hes) de infância, vamos dizer, assim, foi sempre [muito]- muita luta, né? A dificuldade, tanto de (hes) pai, de mãe. E então eu me criei praticamente, assim, na base [do]- do serviço pesado. (ruído) Como eu, com nove anos, dez anos, já ajudava o meu pai, negócio de caminhão, transporte de mercadoria [de]- (ruído) [de]- de construção-
- E. Tá, o Seu Haroldo era [de]-
- I. É, ele trabalhava [com]-
- E. Era cominhoneiro, não?
- I. Não, [não é]- não é que ele fosse cominhoneiro, ele trabalhava com Tom Wilde, que era [uma]- [uma]- uma empresa, uma firma de construção. Fazia casas aqui em Florianópolis. [Naquela]- era [o]- [praticamente]- quase o único engenheiro de construção, era o Tom Wilde. E o pai sempre trabalhou com ele, durante trinta e oito anos, tá? E eu me criei ali naquele ambiente de marcenaria, de carpintaria, [de]- de fábrica [de]- de, como é que se diz? de ladrilhos pra calçada. (...).

O recorte escolhido diz respeito ao momento inicial de uma entrevista, em que o informante (I) identifica-se ao entrevistador (E), informando seus dados pessoais – nome, idade – e, ao mesmo tempo, interpelado pelo entrevistador, começa a expor sua biografia. Em várias passagens deste fragmento, notam-se muitas ocorrências de uma espécie de interceptação no circuito linear

da fala. O fenômeno, neste caso, é marcado por sobreposições ou repetições de segmentos lingüísticos e por alongamentos vocálicos normalmente percebidos, no campo da terapia da fala, como hesitações, disfluências ou aparentes gagueiras.

Essas ondas de cortes sincopados de sons quebrando a suposta harmonia regular do fluxo da fala assemelham-se a rasuras registradas no plano oral da enunciação. Apontam para a incidência de um jogo de memória, não a da ordem das lembranças individuais, mas a da ordem do discurso, portanto, exterior ao próprio sujeito da enunciação e é ao mesmo tempo condição dele. É como se, ao ser entrevistado o informante fosse pego ante a indecível questão de responder: *eu sou quem diante deste que me fala*.

Indecível porque a pergunta institui-se perante uma instância terceira, a do dizível em luta contra proliferação de dizeres acumulados em um mesmo intervalo temporal. Antes de enunciar o nome da maternidade em que nasceu, o sujeito se detém: *[na]- na-*. O complemento da expressão locativa só se faz em uma interrogativa em que a resposta impõe e inclui o penoso esforço de perguntar: *Maternidade Carlos Correia, né?* Este marcador iterativo pontua o lugar da indecibilidade. O sujeito encontra-se em conflito em sua constituição no tempo e no espaço de seu nascimento.

As coordenadas referenciais de subjetividade aqui marcam-se como imprevisíveis e neste sentido é que são temporais. O *né*, que, algo como que tateando na vizinhança da queda, convoca o entrevistador a preencher o obscuro espaço da posição enunciativa, produz um intervalo que expõe o tempo aberto do nome da maternidade. Não se efetiva no ponto da derrapagem que vem antes do nome nenhuma possibilidade precisa de designação. A referência não é tranqüilamente atualizável no *tempo do dizer*. Há um conflito cruzando as esferas de memória de quem pergunta e de quem responde. Neste caso, a emissão de um nome

de maternidade vem como um entre vetores interdiscursivos possíveis antes de se fecharem em um efeito de sentido socialmente localizável para ambos os interlocutores.

Neste âmbito, a interrupção detida em um segmento lingüístico materializa as vicissitudes do informante às voltas com a memória do dizer, ou seja, a esfera constitutiva do dizível que instantaneamente interpela o informante, mediante as intervenções do entrevistador, em múltiplas possibilidades de tornar-se sujeito. Tudo é operado por uma lentidão que operativamente coincide com o forjamento da subjetividade. Devo aqui referir a ótica deleuziana nas palavras do filósofo Peter Pal Pelbart:

A subjetividade como uma modalidade de inflexão das forças do Fora, através da qual cria-se um interior, “esses seres lentos que somos”, que encerra dentro de si nada mais que o Fora, com suas partículas desaceleradas segundo um ritmo próprio e uma velocidade específica, onde nos tornamos mestres de nossa velocidade, relativamente mestres de nossas moléculas e de nossas singularidades. Segundo Deleuze, enquanto um fora é dobrado, um dentro lhe é coextensivo como Memória, como vida, como duração.³⁰

Antes de incursar pelo domínio enunciativo ancorado no arquivo da infância, a fala deste informante já se sobrepusera à fala do entrevistador, que lhe sinalizou a incursão virtual por outras regiões de interdiscurso, ou de memória discursiva. Aplico a esta concepção de memória um valor que é da ordem da temporalidade, o espaço da duração em que o sujeito e o sentido se dão no limite do que Pêcheux chamou de não-sentido e que aqui estendo ao que Deleuze³¹ propõe como experiência-limite cons-

³⁰ Texto lido por ocasião do Colóquio “Rhizomatics, Genealogy, Deconstruction”, promovido pela Trent University, no Canadá.

³¹ DELEUZE, G., *Foucault*, São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 95.

titutiva do processo subjetivo. Baseio-me nesta proposição para dizer que quando o entrevistador sugere que seu informante escolha uma passagem de sua história para contar, dá-se uma exposição a uma memória absoluta que é trabalho na beira abismal do que pode e não pode vir a ser no discurso.

Aqui entrevistador e informante enunciam-se à mercê de tomadas de posição subjetiva vindas de alguma região interdiscursiva. A hesitação não é dado empírico definido a priori, como o querem os terapeutas da fala, mas efeito emergente da duração na fala do entrevistador – *Até da vida, (hes), ou da sua vida (hes)*. – Revela-se aqui a indeterminação acerca de que lugar discursivo ambos os interlocutores podem ocupar na cena da entrevista – o da política, o da profissão, o da infância. Nenhuma destas instâncias aparecem como formas acabadas de significação.

A temporalidade é o que prolifera no *a dizer*, pois o entrevistado também hesita: *[Da]- [bem]- (ruído) bem, [na minha vida]- minha vida desde*. Em todo caso, o entrevistador, interpelado em sua posição de pesquisador, imbuí-se da ilusão necessária de que detém o poder de mobilizar uma memória pontual em seu informante, a da ordem das lembranças, e, com ela a ordem variável da língua que importa observar sociolingüisticamente. Se o entrevistado não diz sob que aspecto vai narrar sua vida, o entrevistador intervém: *Profissional-*.

Mas a linha continua desconectada, à elocução do entrevistador sobrepõe a do entrevistado ainda plena de descontinuidade: *[De]- [da]- [da minha vida]- (ruído) (hes) de infância, vamos dizer, assim, foi sempre [muito]- muita luta, né?*. Tudo se passa como se o sujeito se dissolvesse entregue à incompletude de seu *dizer* e de seu *a dizer*, pois encontra-se perdido perante a multiplicidade de tempos em que se abriram as possibilidades de contar sua vida. Estou aqui fazendo funcionar a ótica bergsoniana do tempo como aquilo que nunca coincide com ele mesmo.

A partir daí tem-se a intervenção de várias redes de memórias, interpondo o tempo da entrevista e o tempo das experiências vividas ao longo da vida do informante. As modalidades linguísticas de duração temporal intervêm enquanto formas materiais de uma incompletude. O complemento do verbo contar perde-se na dilatação do tempo enunciativo marcado pelo prolongamento descontínuo em *[muito]- muita luta*.

Daí para precisar o complemento da palavra *dificuldade*, opera-se antes um lapso de hesitação: *tanto de (hes) pai, de pai*. Aí o sujeito encontra-se submetido a uma temporalidade sempre a atravessar, a indicar, a construir. Mais que a orientação temática, é o tempo que se impõe como complexa condição de emergência da subjetividade. Diria Marconot que, em situações de interpelação repentina, “o tempo é necessariamente obscuro, imprevisível, redutível ou extensivo”.

Fica sugerida a força da memória discursiva. Certamente não é por mera questão de correção que o informante da entrevista em foco rejeita o termo *caminhoneiro* para nomear a profissão de seu pai, quando o entrevistador tenta desobstruir um ponto de sua fala.

I. É, ele trabalhava [com]-

E Era caminhoneiro, não?

I. Não, (não é)- não é que ele fosse caminhoneiro, ele trabalhava com Tom Wide, que era [uma]- [uma]- uma empresa, uma firma de construção. Fazia casas aqui em Florianópolis.

À tentativa por parte do entrevistador de re-alocar no tempo a evocação errante do informante, este responde com uma reincursão na deriva temporal. As marcações de interceptação da fala -. Não, (não é)-; [uma]- [uma]-... - mostram que o tempo levado para que o informante subjetive-se como filho oscila entre

múltiplas possibilidades de designação da profissão do pai. Este é o aspecto durativo da construção de si. A propósito disso, Kas-trup³² faria ver o trabalho da memória que dá forma a um trabalho cognitivo diverso daquele definido pelos cognitivistas: Nesta cognição entendida como prática, modalidades heteróclitas de subjetivação entrariam em conexão: vetores materiais apoiados no social, na história dando conta da invenção ou da repetição de si em um instante absoluto.

No que diz respeito à abordagem discursiva, as indicações do processo rítmico temporal da enunciação, como elementos mobilizadores da memória, não se dão sem uma referência à ordem de exterioridade. Por mais individual que seja uma indicação, ela sempre traz traços do outro. O outro a que aludo aqui é o que aponte antes como a instância do Fora que é intrínseca às posições do informante e do entrevistador. É diante desse que, em relação ao seu interlocutor, o informante, inconscientemente, expõe-se ao que Bres e Gardes-Madray chamam de "programação do tempo a dizer", ou seja,:

um tempo desconhecido: suspenso sob o tempo do dito, ele prossegue construindo antecipadamente seus programas de frase, enquanto que dizer já programado exterioriza-se. Ele controla o fluxo do dizer, pode interrompê-lo, fazê-lo bifurcar. Mas ele está, ao mesmo tempo, submetido às palavras já pronunciadas...

Tem-se aí duas ordens materiais do inexoravelmente dito: aquela ditada irreversivelmente ao longo do tempo físico do fluxo verbal e aquela determinada pelo tempo simbólico da memória discursiva. Isso remete aos conceitos de memória e de acontecimento. O termo memória, defino-o como o horizonte configurativo

³² op. cit., p. 48.

da produção de um campo de sentidos entre muitos outros. Este conceito é construído por Pêcheux, quando alude teoricamente à noção de alteridade: modos de referência aos outros discursos. Por acontecimento, o autor refere-se ao efeito do encontro entre uma atualização e uma memória.

Nas breves análises ensaiadas aqui sobre um recorte de entrevista sociolingüística, tentei fazer funcionar o conceito de memória discursiva como o correlato de um processo que se atualiza em dado momento enunciativo. Assim é que a *hesitação*, a *pausa*, a *repetição* constituem traços palpáveis do processo de subjetivação do falante, indícios da atuação de outras memórias acontecidas alhures, mobilizadas mediante o modo de indicar e ocupar o tempo real da enunciação. Tomando dadas situações de entrevista sociolingüística como alvo local de análise, tratou-se de trabalhar sobre a dimensão enunciativa e discursiva dos fatos de linguagem articulados ao processo de subjetivação ocorrente ao longo da entrevista. Interessavam pontualmente as ocorrências de pausas, hesitações, sobreposições de fala, compreendendo que tais ocorrências produzem um efeito observável no tempo da enunciação da entrevista.

O pressuposto de partida é tomar a temporalidade enunciativa sob o aspecto da duração, ou seja, atentando para o que se passa no intervalo aberto entre um ponto e outro das interrupções da fala no transcorrer de uma conversação. Deste modo de olhar para o dispositivo da entrevista sociolingüística, importantes constatações puderam ser registradas acerca do acontecimento discursivo produzido em dado ponto de encontro entre uma memória – âmbito virtual das relações entre múltiplos discursos – e uma atualização – os dizeres em via de se realizar no instante atual de efetivação de um efeito de sentido. O acontecimento discursivo no qual me detive é o da subjetividade como produto de dispositivos linguajeiros sustentados por uma discursividade. Refiro-me particularmente ao campo laboviano da

teoria da variação cuja cientificidade assenta-se na crença na pré-existência do sujeito falante socialmente circunscrito.

Os resultados da análise desenvolvida aqui apontam para a pertinência de adotar uma outra concepção de tempo a fim de tornar mais visível a articulação da temporalidade com a constituição do sujeito do discurso em dada instância enunciativa. Pude observar como os fenômenos marcadores da interrupção do fio contínuo da fala, encarados como índices da relação do sujeito com as memórias de discurso que tornam possíveis sua enunciação, mostram, no ato de enunciar, uma exposição para um outro tempo, o tempo aberto de que fala Deleuze. Este outro tempo, porquanto decorre da duração, é múltiplo, e não tem nada que ver com a sucessividade.

Esta constatação adveio do que se observa na relação que, nos fragmentos em análise, se estabelece entre a linha contínua da conversação e o segmento interrompido ocasionado pelas pausas, tanto da parte do entrevistador quanto do entrevistado. É possível observar um outro plano enunciativo dando conta da permanência da interação funcionando em um plano temporal correspondente ao que chamei de plano do tempo a dizer, utilizando a noção de Brès e Gardes-Maray.

Outro ponto que permite a introdução da concepção deleuziana do tempo aberto está ligado ao estatuto teórico dos marcadores da pausa e da interrupção no fluxo da fala. Estes são, em dado quadro teórico da Fonologia, chamados de elementos suprasegmentais. Isto equivaleria a dizer que tais unidades sonoras comporiam um conjunto de segmentos à margem de um processo lingüístico central. Contudo, pelo que constatamos, nos registros gravados dos fragmentos de entrevistas analisados, há, entre os dois planos sonoros da enunciação, um movimento subjetivo, ou seja, de posições de sujeito, que integra ambas categorias de unidades sonoras em um só plano. Trata-se de um entre-meu, um intervalo de memória discursiva, no qual a interação

permanece graças ao proveito que pode fazer dos elementos ditos suprasegmentais em favor da construção da posição do sujeito na enunciação e no discurso.

Considerando que a funcionalidade de um dispositivo de levantamento de dados lingüísticos como o da entrevista sócio-lingüística deve dispor de elementos que constituam o sujeito falante no próprio instante da interação entre entrevistador e entrevistado, as análises têm levado a propor que as descontinuidades determinadas pelas pausas e hesitações são parte de um funcionamento discursivo em que a subjetividade do falante é produto direto de um particular processo temporal. Há, nestes termos, para efeito de respectivos turnos de fala, um eu que se constitui na interação, mediante o deslocamento de instantes de enunciações cujo ritmo é da simultaneidade e cuja natureza decorre da memória discursiva confrontada a um dizer em vias de se atualizar. Em verdade, os traços de descontinuidades enunciativas constituem uma interface de negociação política de posições de sujeito que vão figurar um jogo de turnos de fala.

A análise efetuada aqui leva a concluir provisoriamente que a aparente permanência do fluxo enunciativo ou da continuidade da interação tem menos a ver com um controle cognitivo dos interlocutores e mais com esta propriedade do tempo de se abrir para re-posicionamentos possíveis do sujeito no intervalo entre o plano da continuidade e da descontinuidade. A possibilidade de a interação sobreviver perante uma aparente suspensão do fluxo enunciativo está justamente no fato de os fatores de interrupção constituírem uma outra modalidade de ocupação do tempo em que o risco de desabamento do sujeito submerso na errância de sua fala é inerente ao processo de busca de sentido no ato mesmo do dizer.

ABSTRACT: *The production of sense in oral language is achieved through special mechanisms which have to do with the temporal dimension of the utterance. Working with fragments of sociolinguistic interviews, I present an analysis according to which the suprasegmental phenomena – such as hesitation, pause, stuttering – reveal features of the utterance temporality. I also show that these features coincide with the construction of the discourse subject position.*

KEYWORDS: *discourse analysis; enonciation; subject; memory; temporality.*

Bibliografia

- BARBÉRIS, J-M. (1997) *Tempos du langage et production du sens à l'oral. Proceedings of XVIth International Congress of Linguists*. CD-Rom/Editor Bernard Caron.
- LABOV, W. (1972a) *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____. (1972b) *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- MARCONOT, J. M. (1986) *L'espace et le sujet social*. In *La Production d'identité. Symposium International*. Montpellier: Université Paul Valéry et CNRS.
- PECHEUX, M. (1975) *Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da UNICAMP.